

Botelho, J. R. S. – Franz Biberkopf

Franz Biberkopf

A alienação na literatura e no cinema

José Rodrigo da Silva Botelho¹

Titel: Franz Biberkopf. Die Entfremdung in der Literatur und in der Verfilmung

Title: Franz Biberkopf. The alienation in literature and in the film adaptation

Palavras-chave: literatura alemã; série de televisão alemã; Alfred Döblin; R. W. Fassbinder; fenomenologia

Schlüsselwörter: Deutsche Literatur; Deutsche Fernsehserie; Alfred Döblin; R. W. Fassbinder; Phänomenologie

Key-words: German literature; German television series; Alfred Döblin; R. W. Fassbinder; phenomenology

Introdução

Esta comunicação tem como objetivo apresentar resultados parciais e preliminares de meu projeto de doutorado, cujo título provisório é “Berlin Alexanderplatz: a *Entfremdung* de Franz Biberkopf na literatura e na adaptação cinematográfica”.

O projeto tem como objeto de análise o personagem Franz Biberkopf, protagonista do romance *Berlin Alexanderplatz*, de Alfred Döblin, e de sua adaptação homônima para a televisão alemã, escrita e dirigida por Rainer Werner Fassbinder na década de 1980. Mais especificamente, a análise foca o sentimento de inadequação e alheamento em relação ao seu entorno experienciado por Biberkopf durante todo o enredo – tanto no romance como na série de televisão. A relação entre literatura e cinema favorece o estudo de determinado aspecto de uma obra, neste caso, a

¹ Doutorando do Programa de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Email: rdgbotelho@gmail.com.

Botelho, J. R. S. – Franz Biberkopf

Entfremdung do protagonista, resultado do já mencionado sentimento de inadequação. Trabalhar com ambas as obras, de mídias distintas, oferece duas maneiras também distintas de se observar o comportamento do personagem e o fenômeno que pretendo analisar, sempre levando-se em conta as diferentes ferramentas de que dispõem os autores do romance e do filme.

A pesquisa se apoia em um aporte teórico interdisciplinar: teoria literária, teoria do cinema e filosofia (dentro desta, principalmente a fenomenologia). As duas primeiras, teoria literária e do cinema, são indispensáveis para a análise das obras em si: o romance e o filme. A terceira base teórica é voltada para o fenômeno que nos propusemos a analisar: a inadequação de Franz Biberkopf na sociedade berlinense da década de 1920, inadequação essa que, de acordo com nossa hipótese, classifica-se como *Entfremdung*, como demonstrarei. Tentarei demonstrar também de que maneira essas três matrizes teóricas se complementarão em meu trabalho.

A matriz filosófica tem um papel importante – talvez preponderante –, e traz como principal referência a obra de **Bernhard Waldenfels**, autor que, apesar de possuir uma vasta obra sobre o *Fremde*, é quase desconhecido no Brasil. Conto com que este trabalho tenha o “efeito colateral” de contribuir um pouco para a divulgação da obra desse autor, tão importante para o tema, no Brasil. Encerrarei a comunicação com uma breve demonstração de como a “fenomenologia do *Fremde*” de Bernhard Waldenfels é aplicada à análise, já que esse é o principal referencial teórico filosófico de meu projeto.

Exposição

A despeito de o *corpus* de meu trabalho ser constituído por duas obras amplamente conhecidas, sobretudo por germanistas, considero importante fazer uma breve apresentação, se não das obras em si, pelo menos do personagem que nos ocupa, Franz Biberkopf, pois dessa forma se abre a oportunidade de expor os elementos de ambas, que são importantes para o estudo do *Fremde*; elementos que, de certa forma, também justificam a escolha do *corpus*.

Como dito anteriormente, Franz Biberkopf é o personagem principal das obras analisadas aqui. Sua história nos é narrada a partir do momento em que Biberkopf, um operário dos transportes, se torna um homem livre após quatro anos. Ele assassinara sua

Botelho, J. R. S. – Franz Biberkopf

companheira e, por isso, passou quatro anos na prisão de Tegel, em Berlim. Fora da prisão, ele tem apenas um objetivo para sua vida: “manter-se decente”. É em função desse objetivo que ele viverá. Todas as suas decisões e os sofrimentos pelos quais passa são consequência desse objetivo.

Ao contrário do que se poderia imaginar, a liberdade não lhe parece algo agradável. Quando ele se vê do lado de fora dos portões da prisão, sente-se em desespero. As pessoas, a cidade, o trânsito, o barulho, o mundo lhe são **estranhos**, **alheios**. Melhor dizendo, tudo isso gera em Biberkopf algo como um **alheamento** ou uma **alienação**.²

O mundo fora da prisão se tornará tão duro para Biberkopf, que ele terá vontade de voltar para a cadeia. Ele está chocado com a liberdade, e isso é espantoso, contraria tudo o que se possa considerar bom-senso. Afinal, que prisioneiro, em sã consciência, não se alegraria com a liberdade recém-adquirida? Por que este homem quer voltar para a prisão, afinal?

Biberkopf não consegue encontrar seu lugar na sociedade. O sentimento de não pertencimento parece profundo, total e onipresente. Ele tenta muitos tipos de trabalho na tentativa de se manter decente. Mas ele não consegue. Ele perambula pela cidade como um típico desajustado, como muitos dos tipos que o cercam, aliás.

E é exatamente esse fio do desajuste social de Biberkopf que tentamos puxar e analisá-lo da perspectiva do *Fremde* filosófico. É a partir dessa compreensão, do *Fremde*, que analisamos a *Entfremdung* do personagem. O que acontece com Biberkopf parece ser algo muito além de uma incapacidade de encontrar o próprio espaço na sociedade: esse espaço lhe é negado, em uma atitude que parece partir da grande cidade. Ou seja, a metrópole **age** para excluir Biberkopf. Daí a chamarmos esse fenômeno de *Entfremdung*. Mas ainda tentarei explicar melhor essa hipótese.

² Aqui uma questão filológica: a definição sobre a escolha de um desses termos para a tradução – ou de outra opção, talvez – ocorrerá em um dos capítulos da tese, que chamaremos provisoriamente de “Capítulo filológico”. Até este momento da pesquisa e daqui em diante nesta comunicação, manteremos o termo alemão *Entfremdung*.

Subjetividade

Já foi colocado aqui que este trabalho se centra em **um** personagem, tendo por objeto de estudo, portanto, uma **subjetividade**. Não se trata, porém, de uma subjetividade “clássica”: unívoca, determinável e autossuficiente. Trata-se de uma subjetividade típica da Modernidade, período de pluralidade e simultaneidade, em que o homem perdeu sua posição nuclear e seu papel preponderante no mundo (WALDENFELS 1999: 11),³ que são justamente as características do ambiente em que vive o personagem Franz Biberkopf. A própria forma do romance *Berlin Alexanderplatz*, com seu *Kinostil*, estilo cinematográfico ou estética da montagem, aliás, representa essa simultaneidade.

Assim sendo, considero imprescindível, antes de adentrar o assunto da *Entfremdung*, fazer algumas considerações acerca do sujeito. Afinal, por que elevar um sujeito ao *status* de objeto de estudo em um trabalho que se centra precisamente na Modernidade, quando ocorreu a dissolução das subjetividades e o “destronamento” do homem? Para Waldenfels, por exemplo: “O sujeito moderno se apresenta como um ente que busca seu lugar e não o encontra”⁴ (2006: 20). Creio que esta é uma ótima definição para Biberkopf.

Ora, minha escolha se justifica pelo fato de Franz Biberkopf ser exatamente esse sujeito da Modernidade: dissolvido nos **outros**, indefinível, plural, multívoco, heterodoxo, simultâneo e desimportante. Lembre-se que o subtítulo que acompanha o romance de Döblin, “a história de Franz Biberkopf” – que poderia denotar ou reforçar a importância e a centralidade do personagem –, só entrou na publicação por uma “sugestão” de seu primeiro editor. Apesar de seu papel no romance não ter a posição de um protagonista “clássico”, Biberkopf é um genuíno representante da forma multifacetada que Döblin usou em seu romance. É por isso que me sinto à vontade para colocá-lo em uma posição central em meu trabalho.

³ Não tentarei conceituar a ideia de Modernidade nem diferenciá-la de Pós-Modernidade, pois esse não é o foco aqui (o próprio Waldenfels identifica a inocuidade de tal diferenciação); basta-nos reconhecer na Modernidade a ideia de simultaneidade e dissolução do sujeito.

⁴ „Das moderne Subjekt stellt sich als ein Wesen dar, das seinen Platz sucht und ihn nicht hat [...]“

Botelho, J. R. S. – Franz Biberkopf

Entfremdung

Já disse que nosso personagem, Franz Biberkopf, perambula por Berlim sem encontrar seu espaço, sua posição – muito semelhante ao que afirma Waldenfels, em trecho citado. Mas, se a minha intenção aqui é falar de *Entfremdung*, considero importante conceituar essa ideia. Das muitas fontes consultadas, em diversas línguas, creio que, para o escopo desta comunicação, é suficiente apresentar as duas seguintes.

De acordo com o dicionário Duden, *Entfremdung* é: “1 – a. fazer com que uma relação estreita existente seja dissolvida, tornar estranho; b. não utilizar apropriadamente para a verdadeira finalidade. 2. distanciar-se interiormente de alguém ou de algo”.⁵

No *Dicionário Filosófico UTB*, encontrei a seguinte definição de Thomas BLUME:

Conceito para a caracterização de uma situação social em que uma relação originalmente orgânica do homem consigo próprio, dos homens entre si, com seu ambiente, seu trabalho e com os produtos gerados por meio de seu trabalho é destruída.⁶

Com base nessas informações, de que tipo é, afinal, a *Entfremdung* que identificamos em Franz Biberkopf? Ou, melhor dizendo, a *Entfremdung* que ele sofre? A que tipo de *Entfremdung* ele é submetido?

Mas ainda antes de concluirmos algo a respeito, seguindo o esquema de Waldenfels, gostaria de fazer algumas considerações a respeito da noção de **ordem** e seus limites. Afinal, para esse autor, o *Fremde* é algo que perturba uma determinada ordem estabelecida. Ou “ordens”, como veremos: “Sob os pressupostos das ordens delimitadas, o estranho se faz perceptível na forma de um extra-ordinário, que surge, de

⁵ „1 – a. bewirken, dass eine bestehende enge Beziehung aufgelöst wird, fremd machen; b. nicht dem eigentlichen Zweck entsprechend verwenden. 2. sich innerlich von jemandem, etwas entfernen.“

⁶ „Begriff zur Kennzeichnung eines gesellschaftlichen Zustandes, in dem eine ursprünglich organische Beziehung des Menschen zu sich selbst, der Menschen untereinander, zu ihrer Umwelt, ihrer Arbeit und den durch ihre Arbeit hervorgebrachten Produkten zerstört ist.“

Botelho, J. R. S. – Franz Biberkopf

diversas maneiras, às margens e nas lacunas das diversas ordens”⁷ (WALDENFELS 1999: 10-1).

Segundo ele, desde o fim da Idade Média, a “ordem clássica” começa a desaparecer. “Essa forma clássica da ordem se distingue por ser (a) prescrita ao homem, por ser (b) universal, (c) mais ou menos circunscrita de forma sólida e (d) repetitiva em suas características essenciais (1998: 18)”⁸.

O que passa a acontecer é a existência de múltiplas ordens, e com a dissolução da ordem (única, no sentido grego) em diversas ordens, o conceito de verdade também sofre um afrouxamento. Essas novas ordens são: a) variáveis, b) limitadas, c) apresentam fronteiras móveis e d) admitem inovações essenciais (1998: 19). Essas são, *grosso modo*, as diferenças entre a ordem clássica e as novas ordens.

O importante para nosso tema é ter em vista que *Berlin Alexanderplatz* é uma obra típica da Modernidade, uma obra em que a noção de ordem estabelecida é constantemente questionada. A começar pela forma do romance, marcada pela simultaneidade e pela polifonia, e seguindo pela temática da obra, em uma Berlim sob os efeitos imediatos da Primeira Guerra Mundial, *Berlin Alexanderplatz* parece representar *avant la lettre* na literatura as teorias de Waldenfels a respeito dos **limites** fluidos e permeáveis das diversas ordens na Modernidade. Ou seja, a ordem imperante na Berlim do romance de Döblin não pode ser a ordem clássica. A sociedade que nega a Franz um lugar é a que podemos chamar de “comum”, “ordinária”, mas é também o submundo, o ambiente dos ladrões e prostitutas. Nenhuma dessas **múltiplas** ordens acolhe nosso personagem.

É nesse contexto, de uma ordem – ou de ordens, no plural – de margens permeáveis, que vemos o personagem Franz Biberkopf. Ele representa o elemento perturbador da ordem, a despeito de sua personalidade neutra e até aparentemente desligada dos fatos ao seu redor. Ele incomoda a todas as ordens presentes na obra e é violentamente expulso por sua sociedade, chegando até mesmo ao ponto de sentir falta do tempo que passou na prisão.

⁷ „Unter den Voraussetzungen begrenzter Ordnungen macht sich das Fremde bemerkbar in Form eines Außer-ordentlichen, das auf verschiedene Weise an den Rändern und in den Lücken der diversen Ordnungen auftaucht.“

⁸ „Diese klassische Form der Ordnung zeichnet sich dadurch aus, daß sie dem Menschen (a) vorgegeben, daß sie (b) allumfassend, daß sie (c) mehr oder weniger fest umgrenzt und (d) in ihren Grundzügen repetitiv ist.“

Botelho, J. R. S. – Franz Biberkopf

Nesse contexto é que compreendo a aplicação da ideia de *Entfremdung*; e, respondendo à questão colocada anteriormente, sobre o tipo de *Entfremdung* de Biberkopf, ela corresponde à primeira definição encontrada no Duden e à de Thomas Blume, já citadas.

As obras não oferecem indícios suficientes para afirmarmos que a relação de Biberkopf com seu entorno antes do crime que cometeu era “originalmente orgânica”, como na definição de Blume, tendo sido rompida após o assassinato de Ida, sua companheira. Mas o que vale para nós, na compreensão da *Entfremdung*, é a forma como a sociedade berlinense descarta nosso personagem. Repetindo o termo que usamos antes, a sociedade o repele, extirpa. A passagem em que ele tem o braço amputado por um carro ilustra bem o que procuro transmitir aqui: a amputação que ele sofre é física, afinal, mas mesmo antes disso ela era também social.

Para Waldenfels, “momentos de estranheza dentro da respectiva ordem são mais virulentos”⁹ (1998: 29). Diferentemente do que se poderia esperar, o *Fremde* mais “virulento” é o que ocorre dentro da ordem, e não o que vem de fora para perturbá-la. Aplicando mais uma vez a Franz Biberkopf, o personagem irrompe do seio da sociedade berlinense.

Na verdade, para Waldenfels, essa distinção entre dentro e fora da ordem deixa de ser rígida. Ele relativiza essa distinção afirmando:

Observando de maneira geral, a intranquilidade, que faz brotar incessantes duplicações de si próprio [em contraposição ao “outro”], nasce do fato de que não é possível situar o lugar em que são postos os limites nem dentro das ordens, nem fora delas, mas sim dentro e fora ao mesmo tempo.¹⁰ (1998: 29)

Vemos, mais uma vez, expressa a noção de simultaneidade, tão presente em *Berlin Alexanderplatz*. Lidamos aqui, portanto, com materiais plenos de modernidade: as obras de Döblin, Fassbinder – como adaptação do romance de Döblin – e Waldenfels.

⁹ „Momente der Fremdartigkeit innerhalb der jeweiligen Ordnung virulenter sind.“

¹⁰ „Allgemein betrachtet entspringt die Unruhe, die zu unaufhörlichen Selbstverdoppelungen treibt, der Tatsache, daß der Ort, an dem Grenzen gezogen werden, weder innerhalb der Ordnungen zu situieren ist noch außerhalb ihrer, sondern innerhalb und außerhalb zugleich.“

Referências bibliográficas

BLUME, Thomas. *Dicionário Filosófico UTB*. Disponível em:

<[http://www.philosophie-woerterbuch.de/online-woerterbuch/?tx_gbwphilosophie_main\[entry\]=282&tx_gbwphilosophie_main\[action\]=show&tx_gbwphilosophie_main\[controller\]=Lexicon&cHash=36845e4ebf6f4a11030e106366018cdf](http://www.philosophie-woerterbuch.de/online-woerterbuch/?tx_gbwphilosophie_main[entry]=282&tx_gbwphilosophie_main[action]=show&tx_gbwphilosophie_main[controller]=Lexicon&cHash=36845e4ebf6f4a11030e106366018cdf)>. (Acesso em: 14/01/2016).

Duden Deutsches Universalwörterbuch. 6. Aufl. Mannheim: Bibliographisches Institut & F.A. Brockhaus AG, 2007.

WALDENFELS, Bernhard. *Grundmotive einer Phänomenologie des Fremden*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006.

WALDENFELS, Bernhard. *Topographie des Fremden: Studien zur Phänomenologie des Fremden*. 2. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999. v.I.

WALDENFELS, Bernhard. *Der Stachel des Fremden*. 3. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998.